



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FERNANDA DE FÁTIMA BATISTA ALMEIDA

O motor de luz: sensibilidades e sociabilidades na noite esperancense (1925 – 1958)

CAMPINA GRANDE – PB
2014

FERNANDA DE FÁTIMA BATISTA ALMEIDA

O motor de luz: sensibilidades e sociabilidades na noite esperancense (1925 – 1958)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lindaci Gomes de Souza

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A447m Almeida, Fernanda de Fátima Batista
O motor de luz [manuscrito] : sensibilidades e sociabilidades na noite Esperancense (1925 - 1958) / Fernanda de Fátima Batista Almeida. - 2014.
56 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza, Departamento de História".

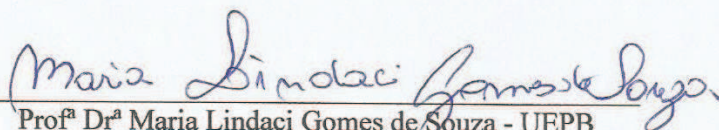
1. Energia Elétrica 2. Historiografia 3. Esperança - Paraíba
4. Motor de Energia Elétrica - Sociabilidade I. Título.
21. ed. CDD 907.2

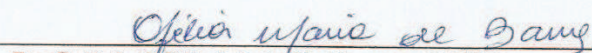
FERNANDA DE FÁTIMA BATISTA ALMEIDA

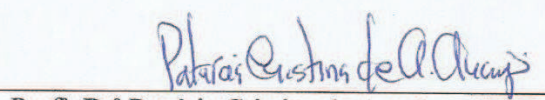
**O motor de luz: sensibilidades e sociabilidades na noite
esperancense (1925 – 1958)**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciado em História.

APROVADO EM 05/12/2014


Profª Drª Maria Lindaci Gomes de Souza - UEPB
Orientadora


Profª. Drª. Ofélia Maria de Barros - UEPB
Examinadora


Profª. Drª. Patrícia Cristina de Aragão - UEPB
Examinadora

Dedico este trabalho a minha família: Fernando e Graça, meus pais. E minhas irmãs: Fabiane e Fabrínia, por todos juntos compartilharmos desde cedo o hábito de ler. Sem isso eu não teria chegado até aqui. A meu esposo Egnaldo e a meu filho Guilherme pela paciência durante a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de concluir uma trajetória, os meus agradecimentos vão, sobretudo para os que compartilharam no cotidiano as pequenas porções de alegria e também as preocupações que ao longo da caminhada nos serviram de aprendizado.

Primeiramente, aos meus pais. Por terem sempre feito de tudo para que eu e minhas irmãs procurássemos realizar nossos desejos a partir do esforço próprio, fazendo sacrifícios diários para que conseguíssemos alcançar o que buscávamos.

As minhas irmãs, por compartilharem comigo o dia-a-dia, com a ajuda mútua que nos salvou em muitos momentos.

Ao meu esposo Egnaldo, por ter tido muita paciência com os momentos de tensão e angústia que me acompanharam durante todo o curso.

Ao meu filho Guilherme, que nascendo no meio dessa trajetória, teve que me esperar por noites e noites até o final dessa graduação.

A minha orientadora Dr^a Maria Lindaci Gomes de Souza pelas sugestões de leituras e caminhos para que esse trabalho fosse concluído. Pelo acolhimento, paciência e dedicação comigo.

A todos os professores do curso de História e especialmente ao professor Josemir Camilo de Melo, que me incentivou a dar continuidade a essa pesquisa, e que, mesmo não estando mais na UEPB será sempre exemplo de sabedoria e simplicidade.

A todos os meus colegas do curso de História pelos momentos juntos durante esses anos. Especialmente, quero dedicar o meu agradecimento a dois colegas: Damião, por nunca desistir de me ajudar, mesmo nos momentos mais difíceis e tumultuados. E Marcelo: Por sempre estar alegre e com pensamentos positivos. Os dois são exemplos de superação e persistência. Ao meu amigo Ely, que mesmo distante sempre me alegrou com seu espírito brincalhão.

Esses foram os que me ajudaram, incentivaram e me inspiraram e que, certamente serão companheiros para a *história* toda.

RESUMO

Este trabalho propõe analisar o fornecimento de energia elétrica na cidade de Esperança no recorte temporal de 1925 a 1958 através do motor público de energia elétrica. Privilegiamos uma abordagem no âmbito da História Cultural, que vai investigar as sensibilidades e sociabilidades que surgiram a partir da convivência com o ligar e desligar do motor todas as noites. Assim a cidade em sua materialidade proporcionou novos usos e práticas sociais a partir da presença desse novo equipamento urbano. Partimos de uma análise através da História Oral em que os relatos de memória de quatro entrevistados nos serviram de fonte para conhecer alguns aspectos do cotidiano da época do motor público de energia. Nosso suporte teórico parte de autores como Sandra Jatahy Pesavento (2008) que conceitua as sensibilidades e sociabilidades do urbano, Michel de Certeau (1994) a partir dos conceitos de práticas cotidianas em relação aos espaços e lugares. E ainda, Roger Chartier (2002) para entender as práticas culturais efetivadas por determinados grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: energia elétrica, sensibilidade, sociabilidade

ABSTRACT

This academic paper has a analyze about the electricity supply in Esperança on the period between the years 1925 until 1958, through the public electricity motor. We focus on specific approach into a part of the cultural history, investigating the sensibilities and sociabilities who rise from the coexistence between the 'turn on' and 'turn off' of the city electricity motor every night. Then, the town in her own materiality provided new ways and also new social practices starting from the presence of this urban equipment. Starting from one analyze trough the oral history, in whose the oral report by the memories of four peoples who were interviewed served us as sources to know some aspects about the everyday life in that period the energy motor was operating to serve the population at night. Our theoretical support came from the texts of authors like Sandra Jatahy Pesavento (2008), who conceptualizes the sensibilities and sociabilities of urban. Michael de Certeau (1994) starting from the concepts of the consolidated practice related to 'places' and 'spaces' and also Roger Chartier (2002) to understand the certain cultural pratices in some social groups.

KEY-WORDS: electrical energy, sensibility, sociability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Revista Era Nova. 1925

FIGURA 2 – Revista Era Nova. 1925

FIGURA 3 – Mapa geral de Esperança – IBGE

FIGURA 4 – Vista total da antiga usina de luz

FIGURA 5 – Detalhe da chaminé da antiga usina de luz

FIGURA 6 – Detalhe da estrutura de fiação elétrica da usina de luz

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. MODERNIZAÇÃO E MODERNIDADE NO BRASIL.....	15
1.1. A MODERNIZAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS.....	15
1.2. REFLEXOS DA MODERNIZAÇÃO NA PARAHYBA.....	17
1.3. ENERGIA ELÉTRICA NO BRASIL: A FORÇA E A LUZ PARA O PROGRESSO.....	19
1.4. ENERGIA ELÉTRICA: AS LUZES DA MODERNIDADE.....	22
2. A ENERGIA ELÉTRICA NAS CIDADES DO INTERIOR.....	25
2.1. AS PEQUENAS CIDADES E OS “MOTORES DE LUZ”.....	25
2.2. A CIDADE E A NOITE ILUMINADA.....	27
2.3. ESPERANÇA: UMA CIDADE DO INTERIOR.....	31
3. SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES NA NOITE ESPERANCENSE.....	40
3.1. ENTRE OS FRAGMENTOS DE MEMÓRIA E OS RELATOS DOS CAMINHANTES DE ESPERANÇA NAS DÉCADAS DE QUARENTA E CINQUENTA DO SÉCULO XX.....	42

INTRODUÇÃO

Nós almejamos por novas sensações, mas logo nos tornamos indiferentes a elas. As maravilhas de ontem são coisas comuns hoje em dia. — Nikola Tesla

A frase acima, atribuída a um dos inventores do século XIX que realizou experiências com a energia elétrica, nos faz atentar para o que sentimos a partir do contato com algo novo. Assim a nossa pesquisa tem como temática a energia elétrica fornecida pelo motor de luz municipal nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX. Entretanto, privilegiamos a análise das modificações ocorridas no nível dos sentidos e das práticas sociais ocorridas a partir da presença desse equipamento moderno.

A escolha da temática apresentada aqui, inicialmente contribui para as pesquisas relacionadas às cidades do interior como objetos de pesquisa da história. Entretanto, analisando o que ocorreu ao nível dos sentidos e das novas formas de estar no mundo. Partindo da presença da energia elétrica fornecida pelo motor de luz na cidade de Esperança, propomos contribuir para mostrar novos aspectos de temas já há muito pesquisados, mas agora sendo objeto de uma nova abordagem.

Assim, a cidade é privilegiada, pois comporta tanto a materialidade em relação a esse novo equipamento, como também as sensibilidades e sociabilidades dos indivíduos, que se efetivaram a partir da presença da energia elétrica. Entretanto, para chegarmos a esse ponto, precisamos considera-lo a partir da inserção no conjunto de transformações ocorridas entre o final do século XIX até meados do século XX. Que buscavam colocar as cidades em contato com o que era moderno.

A nossa pesquisa objetiva analisar como as pessoas que vivenciaram o contato com a energia elétrica fornecida pelo motor de luz, vão perceber e sentir a presença de um equipamento urbano moderno de forma diversa à experimentada nas cidades maiores. Os usos e práticas sociais a partir do contato com esse novo equipamento urbano também serão investigadas. Além desses, buscamos também analisar como a energia elétrica foi usada como forma de elaborar novas práticas culturais a partir desse uso. Essa vertente de pesquisa está

relacionada com o que a História Cultural propõe como objetos e caminhos para uma abordagem que evidencie os aspectos relacionados a um novo olhar por parte do historiador.

Para possibilitar a nossa investigação, nos apoiamos nos conceitos de sociabilidade e sensibilidade experimentados no meio urbano, propostos por Sandra Jatáhy Pesavento (2007). As concepções de usos, práticas cotidianas em relação aos espaços e lugares de Michel de Certeau (1994), são utilizadas como suporte para dar forma ao que as fontes nos forneceram a partir dos relatos de memória. Também nos apoiamos em Roger Chartier (1994) para entender como se elaboraram novas práticas culturais a partir do uso da energia elétrica por determinados grupos sociais.

A metodologia escolhida para atingir os objetivos traçados foi uma pesquisa baseada na História Oral. Buscamos uma narrativa a partir dos relatos de memória como fonte de análise para conhecer aspectos exteriorizados pelos relatos de pessoas que entraram em contato cotidiano com a presença da energia elétrica fornecida pelo motor de luz. A pesquisa de cunho bibliográfico também nos forneceu aporte teórico de autores como Maurice Halbwachs (2006) na conceituação da memória e de Meihy (2007) para possibilitar o trabalho com a História Oral. Também utilizamos algumas fontes como o Jornal A União e a Revista Era Nova, além do arquivo da Prefeitura Municipal de Esperança.

Assim, estruturamos nossa pesquisa em três capítulos que delimitamos da seguinte forma:

O primeiro capítulo, intitulado **Modernização e modernidade no Brasil** trata das transformações ocorridas nas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX. A Modernização como agente de transformação do espaço urbano dessas cidades, com enfoque para a energia elétrica presente nesse conjunto de transformações. A modernidade transformando não só o espaço físico, mas também alterando os ritmos cotidianos, as novas formas de ser e consumir o espaço urbano, a partir dos usos da energia elétrica.

O segundo capítulo intitulado **A energia elétrica nas cidades do interior** aborda como a energia elétrica chegou às cidades do interior no início do século XX, abordando as especificidades das cidades interioranas iluminadas por motores produtores de energia elétrica. Esperança como uma dessas cidades é apresentada no que se refere aos seus aspectos histórico nas décadas de quarenta e cinquenta que é o nosso recorte cronológico.

O terceiro e último capítulo intitulado **Sensibilidades e sociabilidades na noite esperancense**, aborda os relatos de memória que são propriamente o material para investigar as sensibilidades e sociabilidades dos indivíduos depoentes que conviveram com o ligar e desligar do motor de energia elétrica de Esperança nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX que é o recorte temporal dos relatos de memória dos entrevistados.

1. MODERNIZAÇÃO E MODERNIDADE NO BRASIL

1.1 - A MODERNIZAÇÃO NAS CIDADES BRASILEIRAS

Nas primeiras décadas do século XX, acentuou-se no Brasil uma série de transformações no que diz respeito à urbanização e organização do espaço citadino, com a intenção de equipar o Brasil com os símbolos e valores de uma nação dita moderna. Esse momento de intensas modificações foi fruto de uma nova dinâmica econômica como também das inovações tecnológicas que encontraram, desde o fim do século XIX, um salto em termos de aperfeiçoamento, como também nas várias possibilidades de aplicação dessas inovações, tanto em escala industrial quanto no cotidiano das pessoas, sobretudo nos espaços urbanos.

Na Europa essas modificações já tinham provocado alterações no espaço urbano e no modo de vida das pessoas. Ao falar dessas transformações como parte da “experiência da modernidade” Berman diz que “*No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se de modernização*” (1986, p.16). Dessa forma a modernização do Brasil nesse momento refletiu o que já vinha acontecendo em outras partes do mundo.

Alinhado com o que Berman categoriza como a terceira e última fase da modernidade, nas palavras do mesmo “*No século XX, nossa terceira e última fase, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento*” (1986, p. 16), o espaço urbano no Brasil foi modificado intensamente a fim de entrar no caminho do progresso, tanto no que diz respeito a sua forma enquanto estrutura urbana, como também no seu conteúdo, criando novos padrões de comportamento e também de consumo na população que ocupava esses espaços.

Fruto do desejo de uma elite, o Brasil moderno começou a ser edificado a partir das novas configurações espaciais e de hábitos que surgiram com o advento de novos signos e inovações que estavam em sintonia com a “modernidade”. Sevckenko ao falar das transformações ocorridas no Brasil, semelhantes à “Belle Époque”, especialmente na capital federal enfatiza: “*A atmosfera da “Regeneração” era o correspondente brasileiro desse surto*

amplo de entusiasmo capitalista e da sensação entre as elites de que o país havia se posto em harmonia com as forças inexoráveis da civilização e do progresso”. (1998, p. 34)

A modernização foi sendo instituída a partir da implantação de redes de saneamento básico, água encanada e das reformas urbanas. Assim a cidade, foi o espaço no qual a transformação com vistas ao progresso e o contato com as inovações técnicas se constituiu. Os bondes elétricos, o telégrafo, e os novos contornos das ruas centrais trazia para o centro do Rio de Janeiro uma áurea de cidade moderna. Dessa forma, o contato com esses espaços possibilitou a emergência de novos códigos sociais, pois, a população adquiriu uma visão a respeito dessas intervenções, criando novos comportamentos acerca do espaço urbano. Ao falar do Rio de Janeiro no início do século XX, Sevckenko enfatiza:

(...) O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, telegrafia sem fio, telefone, os meios de transporte movidos a derivados de petróleo, a aviação, a imprensa ilustrada, a indústria fonográfica, o rádio e o cinema intensificarão esse papel da capital da República, tornando-a no eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de sua visibilidade e atuação em território brasileiro. (1998, p. 522)

Percebemos esse posicionamento da então capital federal como centro de um conjunto de mudanças, estruturais e comportamentais que iriam se difundir pelo território brasileiro, sobretudo nas capitais. As reformas urbanas na gestão de Rodrigues Alves (1902 – 1906) e a melhoria nos serviços públicos trouxeram os ideais do progresso que eram defendidos tanto pelo poder público como por uma elite econômica e intelectual que buscava, sobretudo, um “embelezamento” do Rio de Janeiro. Quando o processo de reestruturação urbana das áreas centrais ficou pronto, a Avenida Central se constituiu no símbolo máximo dos novos ares modernos. Para Sevckenko:

Inspirada no planejamento dos bulevares parisienses, conforme o projeto dos amplos corredores comerciais do barão de Haussmann, prefeito plenipotenciário de Paris sob o império de Napoleão III, a Avenida introduzira na capital a atmosfera cosmopolita ansiada pela nova sociedade republicana. (1998, p. 545).

Convém lembrar que para efetivar esse “embelezamento” e essa atmosfera urbana moderna, medidas que atingiram as populações mais pobres provocaram um “reordenamento” também social na capital federal, no que diz respeito às áreas de ocupação por esse contingente de pessoas. Assim, as populações que anteriormente ocupavam esses espaços foram “empurradas” sem qualquer planejamento, assim essa massa de pessoas passou a ocupar os morros do Rio de Janeiro.

Esses reflexos da modernização e dos ditos símbolos do progresso chegaram às cidades do restante do país, em maior ou menor intensidade dependendo de fatores econômicos e geográficos dessas cidades. O alargamento de ruas e a melhoria no saneamento básico foram os primeiros signos modernos que chegaram a essas cidades, trazendo elementos físicos e estéticos que aos poucos transformariam o modo de viver e se comportar nessas cidades.

Promovida, sobretudo pelo Estado a fim de concretizar os ideais do progresso, os ares da modernização chegaram as principais cidades brasileiras como São Paulo, Salvador e Recife. Nessas cidades as chamadas “reformas urbanísticas” como cita Maia “(...) *estavam associadas geralmente ao projeto de saneamento, bem como de melhorias de infraestruturas como as portuárias, no caso das cidades litorâneas*” (2012, n.p.). Percebemos, dessa forma inicialmente, a intenção de dotar as cidades com uma infraestrutura necessária para receber outros símbolos modernos como o trem de ferro, os bondes elétricos e a iluminação pública. Outro aspecto que vale ser mencionado é a ligação dessas cidades com a expansão industrial e com a circulação de mercadorias.

1.2 – REFLEXOS DA MODERNIZAÇÃO NA PARAHYBA

Características que não estão presentes de forma intensa nas cidades do interior do Brasil, mas que são “tocadas” pelos reflexos da modernização em curso no país nas primeiras décadas do século XX, mesmo não tendo participação pujante no desenvolvimento industrial e econômico do país. O caso da cidade da Parahyba do Norte, no início do século XX demonstra como a modernização é um processo que chega a essas localidades

marcadamente através de modificações na morfologia urbana que busca organizar e higienizar os espaços citadinos.

É importante considerarmos que as cidades do interior do Brasil não receberam com a mesma intensidade as inovações técnicas trazidas pela modernização que atingiram cidades como o Rio de Janeiro. Assim o ritmo de vida de uma cidade do interior não se comparava ao das grandes cidades da época. Entretanto, o contato com alguma inovação técnica advinda da modernização produzia efeitos no imaginário social a respeito daquela cidade. Aranha nos fala que *“qualquer contato com um ou outro desses símbolos, independentemente do porte da cidade que realiza a conquista, possibilita que esta cidade possa ser considerada moderna ou cidade em sintonia com o mundo civilizado”*. (2005 p. 80)

A respeito da cidade da Parahyba do Norte, capital da Província da Parahyba do Norte, podemos observar que entre o fim do século XIX e início do século XX, algumas modificações ocorreram na capital atendendo aos discursos da modernidade como também do higienismo que estavam presentes nessa época. Adequar as áreas centrais ao discurso sanitário, visando livrar a cidade de doenças e promover a higienização dessas áreas foram aspectos privilegiados pelo Estado nesse momento.

Em meados do século XIX, as primeiras modificações na morfologia da cidade são colocadas como parte da primeira reforma urbanística na capital da província. O alargamento de ruas e a construção de espaços públicos, como as praças, foram efetivados como fruto das aspirações da elite que estava se fazendo presente na cidade, através dos recursos obtidos principalmente com a atividade algodoeira. Com isso, essa elite passou a almejar espaços que possibilitassem novas sociabilidades e práticas sociais alinhadas com o que se considera “ser moderno” para a época. A respeito desses aspectos Chagas diz:

Com a remodelação dos logradouros públicos, a exemplo as praças e jardins, a diversão assegurou aos moradores da área central da cidade a possibilidade deles serem modernos. Os comportamentos diversificados fizeram com que novos lugares fossem edificados, a exemplo do Clube Ástrea. (2010, p. 41)

Os equipamentos urbanos frutos da modernização chegaram a Cidade da Parahyba no início do século XX. A iluminação pública através da energia elétrica foi

inaugurada em 1912, como também o abastecimento de água nesse mesmo ano. O transporte público por bondes elétricos data do ano de 1914, sendo essa implementação responsável pela alteração de ruas e no traçado da cidade. Assim esses novos equipamentos urbanos, mesmo restritos as áreas centrais da cidade, possibilitaram o contato com novas formas de comportar-se em uma cidade dotada de um ou outro símbolo do moderno. Entretanto, devemos considerar que esses equipamentos não estavam disponíveis para toda a população, somente para a parcela que detinha maior poder econômico.

Outra cidade da Parahyba, que contou com algumas modificações decorrentes do processo de modernização que atingia as cidades do Norte, foi Campina Grande. Nessa localidade na primeira década do século XX, mais precisamente em Outubro de 1907, chegou o trem de ferro. Falando sobre as alterações que essa inovação trouxe para a cidade, como a circulação da imprensa e dos correios por meio do trem, nas localidades aonde a estrada de ferro chega, ou mesmo nas comunidades próximas a ela Aranha enfatiza:

Tenho em mente especialmente a importância que as estações de trem assumem, na vida cotidiana local como espaços nos quais e através dos quais as comunidades adquirem feições modernas, em particular no tocante à agilização dos correios, com a entrega rápida da correspondência e de jornais por assinatura. (2005, p. 89).

Podemos perceber como a chegada de um símbolo moderno como o trem, não apenas trouxe a circulação de pessoas, mas toda uma série de serviços que colocaram as localidades atingidas por esse equipamento, em contato com o que estava acontecendo no restante do país, como também o contato com uma gama de artefatos trazidos pelo trem de ferro.

1.3 – ENERGIA ELÉTRICA NO BRASIL: A FORÇA E A LUZ PARA O PROGRESSO.

Equipamentos modernos, inovações técnicas, símbolos da modernidade, termos tão recorrentes para descrever o momento entre o final do século XIX e início do século XX,

além destes, reformas urbanas, embelezamento, higiene e práticas sanitaristas, estas são as palavras de ordem para configurar a paisagem da cidade moderna no Brasil. Entre a circulação do trem de ferro e os bondes elétricos, as ruas largas, praças e espaços de lazer, percebemos como a cidade foi, aos poucos se diferenciando do seu passado, mesmo nas cidades do interior. O espaço citadino se tornou o lugar de excelência no que diz respeito a novos códigos e posturas, novos ambientes sociais e novas práticas de lazer.

Nesse leque de inovações o visível foi se transformando e se colocando enquanto concretização das novas luzes do moderno. Literalmente, podemos falar em luzes, pois, uma das maiores transformações do período advém da iluminação artificial. Desde a queima de diferentes tipos de óleo até a eletricidade, a iluminação artificial percorreu um caminho no qual se buscou o aperfeiçoamento das técnicas para obter cada vez mais uma luz que proporcionasse conforto e também segurança.

No Brasil, a história da energia elétrica percorreu um caminho de experimentos isolados até a efetivação de empresas geradoras de energia para fins industriais e domésticos. Inicialmente, a iluminação pública no Brasil foi marcada pela queima de querosene ou outros produtos com essa finalidade, de acordo com MAIA (2012), a energia elétrica foi trazida para o Brasil por iniciativa do poder imperial. A primeira experiência com energia elétrica para fins de iluminação pública ocorreu em 1883, em Campos de Goytacazes no interior do atual Estado do Rio de Janeiro, sendo a primeira cidade da América do Sul a ter o serviço de iluminação pública por meio da energia elétrica.

Anteriormente, em 1879, a primeira experiência com energia elétrica na capital federal foi com a iluminação da Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II. Mais tarde, a energia elétrica proporcionou a iluminação da Praça da Aclamação por iniciativa dos Correios e Telégrafos. Na capital da República a energia elétrica para fins de iluminação pública se deu com a construção da Avenida Central, sendo está concluída em tempo recorde com o auxílio da energia elétrica, como também depois de pronta em 1905 foi iluminada através da eletricidade.

No início do século XX, o Estado fez concessões a empresas privadas, assim a energia elétrica produzida no Brasil, nesse momento, procedeu de usinas geradoras de eletricidade para atender a demanda da iluminação pública e das pequenas indústrias que se constituíam através dos investimentos de comerciantes e empresários locais. Com a crescente demanda por energia elétrica advinda dos projetos de urbanização das cidades, as empresas

geradoras de energia elétrica receberam incentivos do capital internacional impulsionando o comando por parte dessas empresas para realizar a instalação da iluminação pública aliada ao transporte por bondes elétricos, bem como toda a parte administrativa desses serviços.

A presença da energia elétrica nos setores públicos de serviços atendeu majoritariamente a iluminação pública e o transporte por eletricidade. Assim, para atender a demanda crescente advinda da urbanização as empresas internacionais chegaram ao Brasil trazendo além da energia elétrica, o transporte por bonde e o telefone em larga escala. Entretanto, a vedete desse processo de expansão de bens e serviços foi a eletricidade, pois, por meio da sua utilização uma série de outras atividades se constituíram.

Convém lembrarmos que os primeiros contatos com os usos da energia elétrica foram recebidos pela população com desconfiança, na capital federal, seu uso alterou o ritmo e os espaços da cidade, entretanto, com as facilidades provenientes do novo serviço, a energia elétrica foi rapidamente alvo de aspirações por parte da população. Assim, Sevcenko traduz esse desejo:

(...) Receber ou não energia elétrica e ter ou não acesso fácil à rede de bondes passou a ser não apenas o principal referencial da especulação imobiliária mas também um dos mais distintivos elementos de status, para a população que não dispunha de veículos próprios. De vilã sinistra, a eletricidade logo se tornou logo a vedete cobiçada do espetáculo urbano. (1998, p. 548).

Na cidade da Parahyba do Norte, tivemos a utilização da energia elétrica para iluminar a cidade em 1912, através de um sistema com 500 lâmpadas de 32 velas cada, que eram alimentadas por um gerador que funcionava com o vapor. A mesma empresa que fornecia o serviço de iluminação pública também forneceu o serviço de bondes por tração elétrica. O serviço de iluminação pública por eletricidade chegou, segundo ARANHA (2005), além da capital do Estado, à cidade de Itabaiana também em 1912. Em Sapé, Bananeiras e Guarabira, somente em 1916.

Portanto, nas grandes cidades, a iluminação por energia elétrica esteve presente desde o limiar do século XIX para o XX, mas somente na segunda década do século XX é que as cidades do interior da Parahyba do Norte começaram a ter contato com essa inovação técnica.

1.4 – ENERGIA ELÉTRICA: AS LUZES DA MODERNIDADE

Ao falarmos das transformações no início do século XX, até esse momento privilegiamos a modernização como um processo que abarcou o mundo ocidental em maior ou menor intensidade. A modernização, como parte mais palpável da modernidade, pode, inicialmente, provocar a reflexão de que ser moderno é estar em um ambiente reconfigurado a partir dos signos e inovações próprias da modernidade nesse recorte temporal. Ou, em outro aspecto, é estar em contato com as novas formas de expressão artística. Entretanto, esses aspectos da experiência da modernidade provocaram alterações mais profundas, indo além da estética e do espaço.

Segundo Berman (1989), a respeito das visões da vida moderna privilegiar um ou outro aspecto: “*Esse dualismo, generalizado na cultura contemporânea, dificulta nossa apreensão de um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno*” (p. 129). Assim, a modernidade enquanto uma experiência que se coloca em todos os níveis da vida traz novas formas de práticas e ritmos sociais que se elaboram a partir do contato com esse “ambiente moderno”.

A energia elétrica enquanto signo moderno chegou trazendo uma gama de possibilidades que foram inseridas no cotidiano, no espaço público, no trabalho e nos espaços de lazer. Como já vimos anteriormente, a eletricidade se colocou primeiramente como meio para a cidade se tornar moderna, seja acelerando o processo de reconfiguração do espaço urbano, como também proporcionando a iluminação artificial noturna.

O trabalho nas indústrias, a partir da introdução da energia elétrica foi transformado no que diz respeito ao seu ritmo, sendo a energia elétrica fonte de aceleração no que diz respeito à produção industrial, sobretudo ao setor têxtil. Além disso, as indústrias colocavam a introdução da eletricidade como elemento de propaganda. Essa inovação servia como uma “fiadora” da eficiência e rapidez na produção, além, é claro, de conferir o status de “moderna” às fábricas que utilizavam a energia elétrica.

Assim percebemos duas mudanças no que diz respeito à adoção da energia elétrica nas indústrias: o ritmo acelerado do trabalho, possibilitado uma maior capacidade de

produção proporcionada pelas máquinas, como também o status de moderno conferido pelo uso da energia elétrica nas propagandas das fábricas. A figura abaixo, de uma fábrica da cidade da Parahyba do Norte exemplifica bem esse aspecto, percebemos a afirmação “toda movida por electricidade”

Figura 1 – Fábrica movida por eletricidade



Fonte: Revista Era Nova, 1925

Outro aspecto que podemos observar é a eletricidade aliada ao conforto. Ao possibilitar a circulação de pessoas através dos bondes elétricos e fazer a ligação entre pontos da cidade distantes, a presença da eletricidade vai proporcionar novos comportamentos e padrões de consumo. Ter ou não a eletricidade vai além de uma questão de status, passando a se tornar um elemento de conforto.

Servir-se dos bondes elétricos ou ter eletricidade em casa passa a significar a presença de uma maior comodidade dentro do espaço urbano. Esse desejo do conforto escapa às camadas sociais privilegiadas pela sua posição dentro do espaço urbano. Sevcenko ao falar

da presença da modernidade de proporções desiguais na sociedade, mas também como elemento de jogos e reajustamento por parte das populações excluídas traz na marchinha de Assis Valente um exemplo da eletricidade aliada ao conforto:

“[...] Não é mais boa noite, nem bom dia
 Só se fala “good-morning”, good-night”
 Já se desprezou o lampião de querosene
 Lá no morro só se usa a luz da Light
 Oh! Yes.”
 (Sevcenko, 1998, 611)

Dessa forma, as imagens do conforto se multiplicavam na cidade. Os bares e cafés, utilizando-se dessa inovação técnica produziram imagens de conforto e status para os que puderam desfrutar desses espaços como também provocaram aspirações nas pessoas que passavam nas calçadas e podiam visualizar as diferentes formas e intensidades da luz elétrica pelo uso de luminárias e acessórios que embelezavam ainda mais o interior dos estabelecimentos iluminados.

As novas possibilidades de divertimento na cidade criaram novas formas de consumo, um bom exemplo é o cinema. Na capital federal a proliferação de salas de cinema acentuou-se nos anos 1930 de acordo com Sevcenko *“Ir ao cinema pelo menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno e manter o reconhecimento social”*. (1998, p. 599). Esses símbolos e valores da modernidade partiam do uso da eletricidade como meio para a concretização de um novo comportamento, o ser moderno estava presente não só na sua espacialidade concreta, mas no espírito das pessoas que ressignificavam valores e desejos a partir do contato com essas modificações no cenário urbano tanto público, quanto privado.

2 – A ENERGIA ELÉTRICA NAS CIDADES DO INTERIOR

2.1 – AS PEQUENAS CIDADES E OS “MOTORES DE LUZ”

É certo, mais uma vez, considerar aqui o tamanho das cidades e suas relações com a modernidade. Enquanto que na capital federal ou em São Paulo, a energia elétrica já estava presente nas duas primeiras décadas do século XX para o uso de bondes elétricos, para a iluminação pública e uso privado em algumas áreas, como também nos espaços de lazer a exemplo do cinema e do rádio.

Podemos observar que essa inovação técnica, como já falamos anteriormente, só chega as cidades do interior, a partir da segunda década do século XX, inicialmente servindo para iluminar pequenas áreas das cidades. A presença da energia elétrica nas cidades do interior ocupou, primeiramente, espaços bastante específicos, as ruas centrais, o comércio e a Igreja são os espaços privilegiados para receber a eletricidade. Contudo, o seu uso se deu de forma limitada.

As pequenas cidades do interior receberam energia elétrica, nesse momento, através de motores instalados principalmente pelo poder municipal, sendo o serviço limitado a algumas horas da noite. O serviço de iluminação pública atendia, sobretudo a segurança da cidade, no que diz respeito à manutenção da ordem e disciplina, como também da garantia contra o roubo das residências e casas comerciais.

Percebemos na figura 2 a propaganda desse tipo de motor gerador de eletricidade. De acordo com o anúncio podemos visualizar as várias possibilidades de combustíveis para a sua utilização e a foto do motor exemplificando uma “Uzina de luz eléctrica em uma cidade do interior”.

Ainda sobre a figura, a descrição da quantidade de energia elétrica gerada nas cidades que já possuem o motor para iluminação pública também serve como propaganda da eficiência e versatilidade dos motores comercializados. Além disso, podemos ver que esses motores eram importados em sua maioria da Inglaterra e também da Alemanha.

Figura 2 – Propaganda de motor gerador de eletricidade.

ERANOVA

"NATIONAL GAS ENGINE"

SERIES DE "BUBBA BRANCA", PRIMEIRA "O GAZ PORRE" COM A FORÇA MOTRIZ MAIS ECONOMICA DO MUNDO
OS LEGITIMOS MOTORES INGLEZES DA "NATIONAL
GAS ENGINE" RESOLVEM ESSE PROBLEMA: TRABALHAM COM QUALQUER COMBUSTIVEL:

COLLIER & ARCHBOLD

ENGENHEIROS REPRESENTANTES
PERNAMBUCO - Rua Boa Vista e Uruguaia, N.º 10
ENFERMAGEM TELEGRAPHICO COLBOLD

THE HYDRAULIC ENGINEERING CO. LD. - LONDON - ENGLAND
FABRICA DE MOTORES PARA FERROVIAS MARITIMAS
E EM PAISES EXOTICOS

REPRESENTANTES EM PORTUGAL: A. LUCENA & C.
Rua Alameda da Liberdade n.º 214 - SALA POSTAL - LISBOA

Modelo	Força	Preço
Modelo A	10 CV	1000
Modelo B	15 CV	1500
Modelo C	20 CV	2000
Modelo D	25 CV	2500
Modelo E	30 CV	3000
Modelo F	35 CV	3500
Modelo G	40 CV	4000
Modelo H	45 CV	4500
Modelo I	50 CV	5000
Modelo J	55 CV	5500
Modelo K	60 CV	6000
Modelo L	65 CV	6500
Modelo M	70 CV	7000
Modelo N	75 CV	7500
Modelo O	80 CV	8000
Modelo P	85 CV	8500
Modelo Q	90 CV	9000
Modelo R	95 CV	9500
Modelo S	100 CV	10000

FABRICA DE LUZ ELECTRICA EM UMA CIDADE POR INTERIO

Fonte: Revista Era Nova, 1925

Apesar da pequena capacidade das usinas municipais e o fornecimento de energia elétrica limitado somente ao período noturno, a “artificialidade” da noite já se fez presente alterando lentamente as práticas sociais. Dessa forma, a eletricidade impulsionou modificações que se deram no cotidiano das pessoas a partir do prolongamento da noite. Essa “artificialidade” já estava presente nos usos da iluminação a gás ou querosene, mas a luz elétrica trouxe a possibilidade de propiciar seu uso no sentido de estabelecer uma cidade ou pelo menos uma área da cidade iluminada de forma imediata. Desse aspecto Aranha nos fala:

Bastaria considerar, aqui, os meios usuais para se acionar um e outro sistema. O elétrico é acionado por via automática. Uma vez estabelecida a rede, ligando uma fonte geradora (sistema mecânico-diesel, sistema hidráulico...) às ruas e/ou residências, basta uma chave geral para que a luz, como num passe de mágica (efeito

da automação), surja ao mesmo tempo em todos os lugares conectados a essa rede. (2005, p. 127)

Nesse contexto, algumas práticas cotidianas, como ouvir o rádio, ir ao cinema, frequentar a missa e as festas realizadas pela Igreja foram influenciadas pelo tempo em que se dispunha de energia elétrica, pelo menos nesses espaços de sociabilidade e nas principais ruas que eram os caminhos aonde as pessoas iam e voltavam para suas casas.

2.2 – A CIDADE E A NOITE ILUMINADA

Os *motores de luz*, como eram chamados os motores públicos de energia elétrica instalados nos municípios, proporcionaram hábitos e práticas sociais próprios da vida na cidade em contato com signos do moderno. Dessa forma levantamos a questão da cidade como o lugar privilegiado para entender as modificações decorridas da modernidade enquanto alteração do espaço, mas também do imaginário dos indivíduos e suas práticas. Entretanto, o que nos chama a atenção enquanto elemento de reflexão são as novas formas de sociabilidade e sensibilidade que se deram na cidade a partir do contato com signos dessa modernidade. De acordo com essa perspectiva de análise Pesavento diz:

(...) O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva (2008, p. 58).

Assim uma análise que evidencia os ritmos do cotidiano a partir da chegada de novos equipamentos urbanos, símbolos da modernidade, provocando alterações de hábitos e costumes, percorre a cidade não apenas como espaço, mas como um todo que tem em sua composição elementos que vão além do que é palpável. A busca por algum vestígio do

imaginário da época, as novas formas de sentir e perceber uma cidade em um determinado espaço-tempo é colocada enquanto uma questão.

A partir dessa perspectiva devemos considerar como as cidades do interior se inseriram no contexto da modernização, mesmo estando distantes geograficamente dos centros de produção industrial e dos investimentos de capitais. As cidades do interior no início do século XX começaram a ter contato com um ou outro símbolo do moderno a partir da década de 1920. Os mais recorrentes símbolos do moderno que encontramos nas cidades do interior foram o trem de ferro e a energia elétrica advinda de pequenos motores instalados pelo poder municipal em conjunto com as elites locais.

O trem de ferro atingiu essas cidades do interior que se encontravam a meio caminho entre uma e outra estação. Mesmo nas comunidades em que o trem de ferro não chegava diretamente, o acesso a uma estação do mesmo se dava em poucas horas, mesmo para as comunidades rurais circunvizinhas, possibilitando assim o contato com as mercadorias e os serviços que o trem de ferro trazia. Além disso, o trem, por ter um horário certo para passar nas localidades beneficiadas pelos trilhos, provocou uma alteração no que diz respeito ao ritmo da comunidade, que já espera pela “hora do trem”, Aranha nos fala desse “tempo”:

Refiro-me ao fato de que a vida cotidiana nessa ou naquela comunidade, conforme vemos em um sem-número de representações imaginárias, é marcada por novos ritmos quando passa a conviver com o tempo produtivo do trem, tempo que contrasta com o tempo local anterior à chegada do equipamento moderno (2005, p. 103).

Da mesma forma que o trem de ferro alterou o tempo nas comunidades atingidas por seus trilhos, a eletricidade, enquanto novidade provocou alterações tanto visuais quanto em uma nova forma de perceber a cidade. Os espaços dessas pequenas cidades passaram a ser consumidos de outra forma. E é a energia elétrica que promove essa modificação, com isso os hábitos mudam e a maneira de receber esses novos hábitos tem conotações diversas. A modernidade, mesmo que traduzida em um único equipamento

urbano, se coloca para uma comunidade como a modernidade como um todo. Cidade moderna é cidade iluminada.

Porém, essa cidade iluminada ainda guardava em sua espacialidade e imaginário muito do mundo rural. Os hábitos interioranos como o acordar e recolher-se cedo, frequentar a missa aos domingos, a postura das moças de família não saindo de casa a noite desacompanhadas são costumes que irão defrontar-se com o prolongamento “artificial” da noite. A partir dessa convivência meio rural e meio urbana, as visões acerca da novidade tiveram posições diferentes.

Santos ao falar da inauguração da energia elétrica em Alagoa Nova no ano de 1920, nos mostra esse aspecto: *“Se o trem, enquanto a representação do moderno significa um novo conceito de espaço-tempo, o mesmo ocorre com a luz elétrica, que simboliza a ruptura com o passado, cidade eletrificada é uma cidade diferente, os olhares sobre ela são diferentes”* (2011, p. 6). Prosseguindo Santos nos relata os sentimentos da população em relação ao novo equipamento urbano:

Sabemos que a principio nem todos da cidade tiveram a oportunidade de usufruir de uma coisa tão deslumbrante aos olhos de uma população meio que descrente e desconfiada com o elemento novo que chegara, ao ponto de fazer chacota com a implantação do mesmo, sem saber ao certo se aquilo faria o bem ou não para a cidade (2011, p. 7)

A oportunidade de usufruir de um equipamento urbano moderno, como a iluminação pública noturna, também não foi igual para os habitantes da cidade de Pombal no ano de 1927, quando o motor de energia elétrica da cidade é inaugurado. Wanderley analisa como a luz moderna provocou alterações na sensibilidade dos cidadãos da época, como também se constituíram as representações sobre o moderno em relação a essa inovação.

Mesmo não sendo uma conquista de todos na cidade, a iluminação noturna construiu representações como no relato oral de um antigo habitante da cidade *“a energia*

elétrica foi uma coisa muito boa. O povo achou muito bom. Dizia que era um negócio bonito. Ora, antes as casas eram iluminadas a óleo, com as lâmparas, aí colocaram o motor com hora certa para acender e apagar. Nossa! O povo gostou demais”(TORRES, 2004 apud in WANDERLEY, 2010, p. 38)

Percebemos nessas duas cidades que receberam a iluminação noturna por energia elétrica na década de 1920, como os cidadãos se posicionaram ao perceberem em suas cidades uma modificação, mesmo que de forma limitada e não chegando a todos os habitantes desses espaços urbanos.

Ao analisarmos essas novas sensibilidades e as representações em torno de um equipamento moderno, vamos perceber uma cidade que escapa de sua definição apenas visual ou espacial, em composição com esses elementos mais palpáveis. A cidade se coloca, através do imaginário social, como uma cidade sensível, essa sensibilidade traduzida em desconfiança ou deslumbramento faz parte do que Pesavento define como uma cidade sensível:

Sem dúvida, essa cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível. A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam *na* e por *causa* da cidade (2007, p. 15).

Para adentrarmos nessa cidade imaginária, começaremos a traçar a forma e o volume da cidade de Esperança – Paraíba nas décadas de 1920 até 1950. Vamos primeiramente, percorrer um pouco da sua história como uma cidade do interior semelhante a tantas outras surgidas a partir de um caminho onde se encontram interesses e aspirações que aos poucos vão constituindo o povoado, a vila, depois a cidade. Espaços físicos, mas também imaginários. Cidades imaginárias dentro de uma cidade concreta.

2.3 – ESPERANÇA: UMA CIDADE DO INTERIOR

Revejo a terra onde vivi criança
 E onde joguei meu jogos pueris –
 A encantadora vila de esperança,
 Cuja recordação me faz feliz...
 - Meu castanheiro e sua sombra mansa
 minha vivenda perto da Matriz,
 meus pais e meus irmãos (quanta lembrança)
 minha menina – a que mais bem me quis!
 Beiral de casas brancas e baixinhas,
 Onde se agitam, quando a gente dorme,
 Num festivo rumor, as andorinhas!
 Ó vida boa de ócio ingênuo e lindo,
 Ao recordar-te vem-me agora um enorme
 Desejo alegre de chorar sorrindo...

Silvino Olavo

Banabuié, Boa Esperança, Esperança essas três denominações se referiram em outros tempos à *encantadora vila de Esperança* que é descrita no poema acima. O seu autor um filho de Esperança a descreve após retornar a cidade natal depois de uma temporada de estudos no Rio de Janeiro. Notemos que a descrição de Esperança feita por Silvino Olavo no poema *Retorno*, é carregada de sentidos em relação ao espaço onde o mesmo cresceu. Mas a memória também se constitui a partir das sensibilidades de sua vivência nesse espaço. Esse personagem da história de Esperança participou de momentos de ruptura nos destinos da então Vila de Esperança.

A região que hoje é denominada a cidade de Esperança, aparece nos registros históricos em 1757, sendo descrita como um sítio próximo a Campina Grande, situada nas margens de um reservatório de água, com a denominação de Banabuié. Esse reservatório, construído pelos nativos Tapuias presentes no local, o chamado Tanque do Araçá, é até hoje conhecido por essa mesma denominação.

Posteriormente, os registros apontam para a presença de Marinho Barbosa fixando residência nas proximidades deste mesmo reservatório de água. Mais tarde, de acordo com Ferreira (2011) “*fixaram residência os irmãos portugueses Antônio, Laureano e Francisco Diniz, os quais construíram três casas no local onde hoje se verifica a Avenida Manoel Rodrigues de Oliveira*” (p. 5). Efetivamente, Esperança já se configura em 1862 como um povoado, quando é fundada a Capela de Nossa Senhora do Bom Conselho. Ao final do século XIX, Esperança já contava com um cemitério e uma feira bastante concorrida, como também o comércio local já era bastante sortido em casas de estivas e fazendas.

No início dos anos 1920, Esperança, já se constituía um povoado bastante dinâmico, sendo passagem para o Brejo e o Sertão. Pertencente à Vila de Alagoa Nova, Esperança demonstrava em seu comércio local um crescimento acentuado, sendo bastante conhecida na época por essa característica. Além desse dinamismo, Esperança já contava no início do século XX com serviços instituídos para atender a esse crescimento, como agência dos Correios, juiz de paz, subdelegado. A receita do povoado de Esperança era superior ao do município de Alagoa Nova, ao qual era dependente. Dessa forma, muitos comerciantes da cidade de Alagoa Nova, mudaram-se para Esperança a fim de obter maiores lucros, podemos citar, entre outros, o Sr. Matias Fernandes.

Esperança está localizada na Messorregião do Agreste paraibano, constituindo-se como uma das microrregiões do Agreste. Sua área atual é de 163,781 km² segundo os dados oficiais do IBGE. De acordo com a figura abaixo, temos a localização de Esperança no mapa paraibano, como também os seus limites geográficos. A sua inclinação para o comércio, sentida desde o seu surgimento, se materializa atualmente na presença na variedade de lojas de bens e serviços, como também na presença de algumas indústrias. Assim como em outros tempos, o comércio local atrai a população das cidades circunvizinhas.

Figura 3: mapa geral Esperança- PB



Fonte: IBGE

Antes dessa configuração atual, Esperança, no início da segunda década do século XX se colocava como uma localidade bastante apreciada por seu comércio. Assim, a elite local, através de seus comerciantes e representantes políticos buscava se desvencilhar da dependência da Vila de Alagoa Nova. Um dos argumentos, como já citamos anteriormente, era a receita do povoado ser superior ao arrecadado por Alagoa Nova. Ferreira (2011) nos traz informações do Almanak Administrativo de 1908 apresentando os dados referentes a esse argumento:

Produto do imposto da feira de Alagoa Nova - 631\$000; Produto do imposto da feira de Esperança - 641\$000; Produto do imposto da feira de S. Sebastião - 101\$000(...) Aliás, a feira de Esperança era “quasi igual à da villa, no seu desenvolvimento mercantil, apesar de ter maior numero de casas comerciais” (2011, p. 11).

A emancipação política de Esperança se deu em 1º de Dezembro de 1925, após o projeto de lei nº 13 apresentado pelo Deputado Antônio Guedes, propondo a criação do município de Esperança ser aprovado. Após a sua aprovação, o Diário Oficial da União traz em sua publicação a instalação do novo município “*Installou-se no dia 31 de dezembro findo o município e termo judiciário de Esperança, tendo se realizado em comemoração a esse facto, festas de regosijo popular*” (A União, 03/01/1926, p. 2)

Interessante atentarmos para um aspecto referente à Esperança no momento de sua emancipação política. Esse acontecimento culmina em Dezembro de 1925, no entanto, alguns meses antes, no mesmo ano, mais precisamente em Maio é inaugurado o motor de iluminação pública de Esperança. É na inauguração desse motor que o poeta Silvino Olavo, autor do poema que abre este capítulo, discursa fazendo alusões à situação de Esperança, como dependente de Alagoa Nova, seu discurso “*Esperança – Lírio Verde da Borborema*” conclama aos presentes para lutarem pela sua emancipação. No seu discurso, podemos perceber esse aspecto:

Esperança, árvore nova, não consentirá em ser força dos arbustos que vicejam à sua sombra (...) porque Esperança árvore nova, tem a natureza de querer ser também árvore boa, para prodigalizar, com a sua esplendidez nutridora do fruto, a fecundidade da semente e a espiritualidade do perfume. (OLAVO apud FERREIRA 2011, p. 66).

Percebemos, pois, que as elites locais, buscavam se libertar da dependência do município de Alagoa Nova, para isso, um dos meios encontrados para chegar a esse proposto, foi dotar Esperança com um signo moderno, a iluminação elétrica do povoado, a fim de melhorar os serviços do comércio que dependiam da iluminação a lampião e lamparina para prolongar o seu horário de funcionamento até o início da noite.

Outro aspecto que devemos levar em consideração, é que o primeiro prefeito de Esperança, foi como já dissemos, Manuel Rodrigues, nomeado pelo presidente do Estado da Parahyba na época, João Suassuna. De acordo com edição do Jornal A União:

(...)Tenho a honra comunicar vossencia instalação município toda solenidade após compromisso assumi exercício cargo prefeito. Povo aclama nome vossencia pelo muito interesse causa Esperança. Protestando a vossencia toda a minha gratidão honrosa nomeação asseguro incondicional apoio ao brilhante fecundo governo vossencia. Cordiaes saudações. Manuel Rodrigues” (A União, 03/01/1926, p. 2)

Entretanto, foi o mesmo que capitalizou os recursos necessários, em conjunto com outros comerciantes, para a compra do primeiro motor de energia elétrica de Esperança. O serviço funcionava num prédio de propriedade do prefeito. Assim, a chegada da energia elétrica em Esperança foi uma iniciativa baseada no interesse das elites locais, tanto os comerciantes como os políticos, que visavam colocar Esperança como detentora da sua autonomia.

A energia elétrica chegou a Esperança em meio a esse contexto, atendendo por um lado os interesses do comércio local, por outro sendo uma forma para demonstrar que Esperança obtinha, através da sua dinâmica comercial, meios para melhorar os serviços da comunidade. Assim a classe política local tinha argumentos para propor a sua emancipação política. A partir da emancipação política, o prefeito de Esperança, Manuel Rodrigues, passou a tomar uma série de providências para dotar Esperança de serviços que condiziam com uma cidade emancipada.

Logo depois de emancipada, Esperança começou a receber em seu espaço, medidas tomadas pelo poder municipal a fim de caracterizar os novos rumos da cidade. Pouco mais de um ano após a sua emancipação, o poder local já buscou implementar serviços de infraestrutura na cidade. É o caso do abastecimento de água que começa a ser arquitetado a partir de 1927. Outro serviço que já estava presente na então Vila de Esperança, desde 1885 é o posto dos Correios, pouco mais de um ano após a emancipação, o serviço é ampliado. De

acordo com a nota “*Causou grande satisfação ao povo desta villa, mormente ao commercio, o aumento dos correios das malas, vindas por Campina Grande, facilitando, assim, a correspondência para o Sertão. (Especial)*”. (A União, 21/04/1927).

Percorrendo os arquivos do jornal A União, percebemos uma série de medidas como essas citadas, buscando melhorar os serviços já existentes, como também implementar uma série de outros que não estavam presentes em Esperança no momento de sua emancipação política. Nota-se também a afirmação das possibilidades de crescimento do comércio com o benefício dessas medidas. Esperança, em seus primeiros anos como cidade, foi sendo dotada de medidas para coloca-la enquanto cidade alinhada com o progresso.

Adentrando na temática de nossa pesquisa, a energia elétrica em Esperança, como já citamos, chegou mediante as articulações políticas e das elites locais. Esse serviço vai sendo ampliado a fim de atender as exigências de uma cidade em crescimento. Até a chegada da energia de Paulo Afonso em 1958, as pequenas cidades do interior utilizavam os motores para fornecer energia elétrica de forma limitada, sendo as ruas principais iluminadas. O serviço para as residências, no caso de Esperança, também é estendido para as casas. Entretanto, era um serviço pelo qual nem todos poderiam pagar.

Esperança teve três motores de luz. O primeiro, como já dissemos, inaugurado em 1925, teve sua primeira sede numa propriedade do prefeito. Até hoje podemos ver, em um registro atual, o lugar que ficou conhecido por *usina de luz*, modo como os populares se referiam ao prédio onde funcionava o serviço, como também a estrutura da chaminé do motor, e ainda, no detalhe, o suporte para a fiação elétrica que alimentava os postes nas ruas e também para as casas.

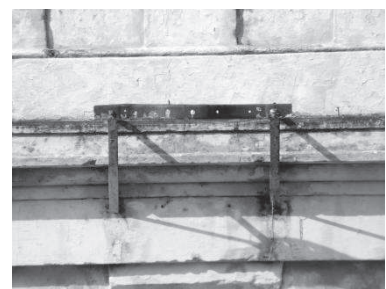
Figura 4 – Vista total da antiga usina de luz



Figura 5 – Detalhe da chaminé da antiga usina de luz



Figura 6 – Detalhe estrutura fiação elétrica da usina de luz



O segundo motor chegou a Esperança em 1938, para atender a ampliação do serviço. O prefeito Manuel Rodrigues comprou um novo motor com maior potência e vendeu o antigo para a cidade de Remígio. Esse segundo motor era movido a óleo diesel e tinha potência de sessenta cavalos. Esse motor ficou iluminando as noites esperancenses até 1949 quando chega a Esperança o terceiro motor de energia elétrica.

Conforme Esperança ia adquirindo uma estética trazida pelos novos equipamentos urbanos, algumas necessidades surgiam a partir do desenvolvimento proporcionado pelo comércio e a agricultura local, como é o caso da batatinha, produto com maior produção na região. Na década de quarenta, temos um decreto criando a guarda municipal:

Art 1º Fica creada nessa cidade a guarda noturna de Esperança, mantida pelo comércio local e particulares em cooperação com a prefeitura e cuja finalidade é ampliar o policiamento noturno da cidade, visando a garantia e segurança das casas de comércio e residenciais, contra a bandidagem e o roubo. (...) Art. 3º - O serviço de policiamento noturno se iniciará as 22 horas se prolongando até as 5 horas. (Prefeitura Municipal de Esperança, 14 de Setembro de 1942).

Como podemos perceber, a questão do policiamento noturno está ligada diretamente com o horário em que geralmente se apagava o motor de iluminação pública. Entre as vinte e duas horas da noite, que era o horário em que o motor era desligado e às cinco da manhã quando começa a surgir a claridade do dia.

Na gestão do prefeito Francisco Bezerra Filho, foi adquirido um novo motor para a iluminação pública de Esperança. Na inauguração estavam presentes o Governador do Estado da Paraíba José Américo além de autoridades políticas e representantes da elite local. A solenidade foi registrada pelo jornal A União que noticiou o fato, conforme vemos na nota intitulada “O governador em Esperança – Inaugurado o novo serviço de iluminação pública”:

CONFORME noticiamos viajou, domingo último ao interior do estado, o governador José Américo, a fim de assistir as solenidades inaugurais do novo serviço de iluminação pública da cidade de Esperança, a convite do prefeito Francisco Bezerra Filho. As dezoito horas realizou-se o ato inaugural do novo conjunto elétrico adquirido pela edilidade, em substituição ao velho motor que não mais atendia as necessidades do consumo local. Dando por inauguradas as instalações do serviço de iluminação pública daquela cidade, coube ao Chefe do Governo ligar a chave geradôra da nova usina. (A União, 16/05/1949, p. 2; 3).

Além de registrar o fato e enaltecer a atitude do prefeito Francisco Bezerra, o jornal A União registra a visita do governador às obras em andamento na região. Conforme noticia o jornal em outra nota, a gestão de Francisco Bezerra *“dispendeu um milhão de cruzeiros na aquisição do novo e moderno equipamento, que resolverá em caráter definitivo o problema da escassez de energia elétrica ali”*. (A União, 14/05/1949, p. 3). Entretanto, a energia elétrica de Esperança continua a ser fornecida de forma limitada até a chegada da energia de Paulo Afonso em 1959. Outra nota do jornal A União também enaltece as iniciativas do governo em relação ao cultivo de batatinha em Esperança em nota *“Esperança e o governo do Estado”*:

“A parte agrícola do município também mereceu uma proteção especial. Estando praguejada a batatinha, foram importadas sementes da Cooperativa de Cotias, em São Paulo, e adquiridas 160 toneladas para o plantio este ano. E o resultado é que com as primeiras chuvas, se renovou todo o panorama rural, coberto de plantações que asseguram uma copiosa colheita. (Jornal A União, 16/05/1949, p.3)

Podemos perceber que no final da década de quarenta, a cidade de Esperança já contava com serviços públicos e de infraestrutura que são noticiados pela classe política como meios para a cidade se desenvolver ainda mais, estando assim alinhada com outras cidades

que também estavam buscando o caminho do progresso, se modernizando no seu espaço. Essa modernização, no entanto, se dava conforme as proporções das cidades do interior, assim a modernidade se caracterizava, para os cidadãos da época, mesmo de forma limitada. O acender e apagar do motor de luz dita os ritmos e as práticas sociais até o final da década de cinquenta, quando chega a energia em tempo integral.

É a partir desse cenário que vamos buscar vestígios de como as pessoas da época percebiam esse ritmo cotidiano, as suas formas de sociabilidade dentro dessa configuração, como também a sensibilidade a algo que representa o moderno, mas que ainda guarda relações com o antigo tanto pela limitação do período de iluminação artificial como também a convivência com elementos que de alguma maneira preenchem essa limitação.

3 – SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES NA NOITE ESPERANCENSE

A cidade de Esperança nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX, nos revela um cenário na qual os reflexos do moderno estavam presentes, ao mesmo tempo em que hábitos e costumes mais tradicionais ainda sobreviviam na cidade. A energia elétrica como um dos símbolos do moderno, permitiu que as pessoas que viveram nessa época, convivessem com o cotidiano marcado pelo acender e apagar das luzes. Assim os lugares frequentados pelas pessoas, os caminhos percorridos e os espaços de convivência nos possibilita elaborar uma nova forma de “ver” a cidade além de sua espacialidade concreta.

Além desses aspectos, a forma como as pessoas percebiam o cotidiano marcado pelas horas de energia limitada fazia com que esses sujeitos elaborassem maneiras de conviver e estratégias para contornar o que era limitado ou o que nem se tinha. Assim as sensibilidades do que era bom ou ruim, do que se desejava e os medos podem ser investigados a partir do que Pesavento nos fala, os caminhos para uma abordagem:

O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais (PESAVENTO, 2007, p. 13)

Essa abordagem permitida pela História Cultural traz ao historiador uma gama de possibilidades de objetos de pesquisa relacionados à cidade, aspectos que estão intimamente ligados à memória. É certo que a cidade, como objeto de estudo da História Cultural já teve abordagens múltiplas ligadas a sua forma e no que diz respeito a sua espacialidade concreta. Entretanto, buscamos evidenciar a cidade no que se refere a relação homem-cidade, isto é, as novas formas de ver e sentir as mudanças que estavam ocorrendo na cidade com o uso da energia. Dessa forma, o que ocorre no nível dos sentidos, das ações humanas nesse espaço nos interessa enquanto experiências, tanto em sua coletividade quanto em sua individualidade: as sensibilidades e as sociabilidades.

Observar como as sensibilidades e as sociabilidades se constituíram a partir da presença da energia elétrica na noite em Esperança, nos faz buscar esses aspectos a partir dos relatos de diferentes sujeitos. Esses sujeitos como participantes de uma característica presente na sociedade esperancense na década de 1940 têm versões diferentes acerca das inovações vivenciadas na época. Assim a abordagem pelos relatos orais, nos permite analisar essas versões dos que estiveram presentes nesse momento da história da cidade. Abordar as sociabilidades e sensibilidades desses sujeitos em relação à iluminação da cidade de Esperança permite buscar uma forma específica de falar da cidade:

E, para além da palavra escrita, há aquela da oralidade, que implica outra forma de dizer a cidade, através do som e das palavras ditas. Entram em cena, assim os recursos de uma história oral, recuperando depoimentos e relatos de memória, que retraçam uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitindo no presente para aqueles que não estiveram na cidade do passado. (...) Traz-se ao momento do agora, de certa forma, o testemunho de sobreviventes de um outro tempo, de habitantes de uma cidade que não mais existe. (PESAVENTO, 2007, p. 20)

Para retratar essa experiência do vivido, concordando com Pesavento, a partir de relatos dos que viveram na época do motor de energia elétrica, pode ser possível através da memória dessas pessoas. É certo que a memória individual de cada sujeito guarda especificidades, entretanto, essa memória também é compartilhada pelos diferentes grupos sociais. Dessa forma, A História Oral nos ajuda a investigar tanto as sensibilidades individuais dos sujeitos, assim como as sociabilidades praticadas pelos mesmos.

A memória como um suporte as investigações do historiador nos permite acessar o que Halbwachs chama de “quadros sociais da memória”: *“Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”* (2006, p. 30).

Assim, os relatos de memória de vários sujeitos nos permite encontrar fragmentos das lembranças individuais, mas que se colocam enquanto inseridas num contexto mais amplo. A convivência com o motor de energia elétrica sendo ligado e desligado todos os dias, evoca na memória do indivíduo as sensibilidades e impressões que foram compartilhados com grupos sociais diversos no ambiente da cidade.

3.1 – ENTRE OS FRAGMENTOS DE MEMÓRIA E OS RELATOS DOS CAMINHANTES DE ESPERANÇA NAS DÉCADAS DE QUARENTA E CINQUENTA DO SÉCULO XX

O ambiente da cidade nos faz pensar em partilhas a partir dos que viveram nesse espaço. Certeau, fazendo uma comparação dos relatos de espaço com uma caminhada enunciada, diz:

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc..., as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida diversidade dessas operações enunciantes. Não seria, portanto possível reduzi-las ao seu traçado gráfico (1994, p. 179).

A partir dos relatos dos caminhantes de Esperança nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX, podemos ter contato com alguns dos fragmentos dessas intensidades conforme o percurso de cada caminhante. Como Meihy & Holanda enfatiza:

O que se chama de “grupais”, “cultural”, “social” ou “coletivo” em história oral é o resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras,

segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários (2007, p.27)

O relato do Sr. Raimundo Viturino, quando perguntando se presenciou a iluminação da cidade com o motor de luz, responde:

Quando eu nasci já tinha esse motor aqui né... (...) Zé Correia trabalhava lá, então, na rua eu ficava até chateando ele porque o homem lá que tomava conta do motor dizia “fogo no gerador Zé Correia” (...) ai tocava fogo naquilo ai queimava (...) eu acho que era pra ajudar o moto né ai eles ligavam o motor quando era seis horas em ponto ai ligava a energia da rua. (VITURINO, 2014)

Nesse fragmento do relato de Sr. Raimundo, nos chama atenção primeiramente o ritmo cotidiano do acender das luzes na cidade, sendo esse ritmo compartilhado por toda a população, mesmo para quem não tinha a energia instalada em suas casas. O mesmo acontece quando se aproximava a hora de desligar o motor. Quando perguntado sobre a hora de apagar, Sr. Raimundo nos fala:

“De onze, era. (...) quinze pra onze dava o primeiro aviso: apagava e acendia, ai toda gente que trabalhava de sapateiro que fazia serão dizia: pronto: preparava os candeeiros e as lamparinas, ajeitando o gás e botando os pavios pra acender. Dez pra onze ai dava o segundo aviso de novo, apagava e acendia, ai o derradeiro a luz ia embora, ai ficava tudo no escuro a rua, a rua ficava todinha no escuro. (VITURINO, 2014)

Percebemos nessa fala de Sr. Raimundo, o ritual diário de se preparar para o desligamento do motor, a escuridão, de alguma forma tinha de ser contornada. Para isso as lamparinas e candeeiros serviam como suporte para essa limitação. Nesse aspecto, podemos perceber como o antigo e o novo convivem no cotidiano dos moradores da cidade de Esperança.

Ainda Sr. Raimundo nos fala da produção desses artefatos: *“Era por isso que naquele tempo queimava muito gás e tinha candeeiro, aquelas lamparinas que aqueles frandileiros fazia né, porque todo mundo usava aquilo em casa né, porque nessas ponta de rua a maioria era aquilo porque não tinha energia em casa né”* (VITURINO, 2014) As estratégias para escapar a escuridão eram cotidianamente colocadas pelos moradores a partir da utilização de dispositivos para iluminar a noite quando a energia ia embora.

Para os que não a tinham em casa essa era a maneira de contornar a escuridão. Certeau ao falar das maneiras de fazer em relação a um espaço diz: *“Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura uma pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos”* (1994, p. 93)

A criatividade proposta por Certeau em relação ao espaço, encontramos quando o Sr. Raimundo nos fala das maneiras de contornar a escuridão quando era preciso andar pelas ruas mesmo com o motor de luz apagado:

“Às vezes a gente pegava retalho de borracha das sandálias que a gente cortava fazia aquele feixo assim, amarrava um arame ai a gente botava fogo e vinha no meio da rua com eles pra vir pra casa no claro, era porque pra não pisar dentro de água, dentro de lama era assim. (...). A gente se encontrava com gente na rua, os guarda dizia que danado é isso pra vir no claro a gente só via o apito dos guarda noturno naquele tempo era um sufoco medonho sobre isso (VITURINO, 2014)

Pensando a partir do que Certeau analisa do cotidiano vamos encontrar nessas práticas a inventividade dos que viveram nessa época. Elaborando a partir do que era possível, táticas e estratégias para viver além do que lhes chegava ou do que era imposto. Certeau ao discutir a criatividade cotidiana enfatiza *“Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas*

quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (1994, p. 41).

Ainda em relação a esse fragmento de relato também percebemos na fala de Sr. Raimundo a memória coletiva em relação a algo compartilhado por um grupo, no caso, os sapateiros que adentravam a noite fazendo serão e precisavam voltar para casa depois que o motor já estava desligado. A memória coletiva assim partilhada para Halbwachs precisa ter aspectos comuns à memória do grupo, dessa forma:

É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (2006, p. 39)

As “maneiras de fazer” no cotidiano marcado pelo acender e apagar das luzes também produziram novas sociabilidades proporcionadas pela presença da energia elétrica: as ruas iluminadas, os espaços de convivência que tinham um ritmo noturno também ditado pelo horário do motor. Pesavento conceitua as sociabilidades na cidade como:

(...) na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. (2007, p. 14)

No relato de Sr. Raimundo, percebemos esse aspecto quando perguntado para que a energia elétrica era usada nas residências:

“Era só pra clarear a casa a energia, você vê na época que começou a aparecer rádio, de dia aqui ninguém escutava nada, só de noite que era quando tinha energia, então tinha o Bar de Gilvan, naquela época de cinquenta, ele comprou um bar ai comprou um rádio de bateria, a bateria acompanhava um bicho assim mais grosso, ai aquilo fazia a ligação para carrega o tunga, o tunga era pra abastecer a bateria, carregar a bateria que era pra ligar o rádio de dia. Ai aqui tinha seu Valença, Gilvan, Pedro Calixto e Nelson da Farmácia. Era quatro rádio de bateria. (VITURINO, 2014)

O rádio instalado nos poucos bares da cidade proporcionava espaços de sociabilidade, pois, a maioria das residências não dispunha do rádio, assim esse aparelho em conjunto com a energia elétrica criava esses espaços, a partir do desejo dos moradores em ouvir os programas da época. Mesmo tendo o rádio com a bateria, esse dependia do horário em que o motor estava ligado para carregar a bateria e permitir o seu uso fora desse horário. Percebemos como a energia elétrica ditava novas práticas sociais.

Chartier, ao conceituar as práticas e representações nos auxilia a compreender essas novas formas de sociabilidade como “*as práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo*” (2002, p. 27). Assim as práticas dos moradores de Esperança, nos espaços em que se tinha energia elétrica podem ser analisadas a partir das “*especificidades do espaço próprio das práticas culturais, que não é de forma nenhuma passível de ser sobreposto ao espaço das hierarquias e divisões sociais*” (2002, p. 28)

Outro elemento que caracteriza as sociabilidades presentes na década de quarenta e cinquenta na cidade de Esperança, era o Cine São Francisco de propriedade de Sr. Titico, como era conhecido na cidade. O Cine São Francisco tinha um gerador próprio, entretanto, os frequentadores do cinema dependiam da iluminação das ruas para voltar para casa depois que a sessão terminasse.

Sobre isso o Sr. Antônio Barbosa, perguntando sobre o horário de funcionamento do cinema, respondeu: “*Estava lá assistindo um filme, mas se fosse uma coisa que ultrapassasse aquele horário, correria o risco de terminar e sair fora e não ter mais luz, já estava em plena escuridão né, pra voltar pra casa.* (ALVES, 2014)

O Cine São Francisco é recorrente nos relatos dos entrevistados. Dessa forma, a sua relação com o divertimento na cidade está presente na memória dos sujeitos que viveram essa época, como também percebemos nessas falas a relação entre o término da sessão e o horário de desligamento do motor de luz. Relação não determinada pelo uso da energia elétrica pelo cinema, mas porque os espectadores dependiam da iluminação para voltarem para suas residências.

As sensibilidades em relação à energia elétrica presente em Esperança na década de quarenta nos chegam através das formas de expressar o vivido através dos sentidos. Os vestígios desses sentimentos nos evidenciam como as pessoas foram tocadas pela percepção individual da cidade iluminada e da convivência com a energia elétrica em seu cotidiano. Pesavento nos traz a sensibilidade como “(...) *As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais os indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos*”. (2005, n.p).

Outro entrevistado, Sr. Vicente Simão também nos traz o seu relato. Perguntado sobre o uso da energia elétrica nas casas, responde:

“A luz muito fraca, eu ainda alcanço, que existia, lembrei uma lei municipal que setenta por cento das casas só podia botar dois bico de luz. Veja que agonia, era um na sala e um na cozinha, se fosse dividido sala de janta com cozinha a pessoa tinha que botar na porta pra pegar cinquenta por cento pra um e...os quartos ficava tudo no escuro, você já pensou? (MELO, 2013)

Esse relato nos traz uma sensibilidade em relação ao que nos chega pela memória de Sr. Vicente, a maneira de perceber a iluminação artificial da noite, enfatizando a qualidade da luz produzida pela eletricidade, como também os espaços por ela iluminados e a limitação que se impunha a quantidade de energia elétrica permitida em cada residência.

A lembrança de Sr. Vicente pode ser observada a partir da memória individual para Halbwachs como “*O primeiro testemunho que podemos recorrer será sempre o nosso*” (2006, p. 29). Entretanto, essa lembrança está vinculada a um grupo que vivenciava a

qualidade da energia elétrica na época. A fala de Sr. Vicente em relação à qualidade da luz, ou nas palavras de HALBWACKS (2006), o seu “ponto de vista” é individual, pois as impressões acerca do vivido são individuais, mas faz parte de uma mesma situação vivenciada por um grupo.

Outra entrevistada, Sra. Augusta Cardoso Costa da Rocha, também ao ser perguntada sobre os usos da energia elétrica nas casas diz: “*Na casa da minha tia era só pra iluminar. Era, tinha até medo né, ela falava isso se acaba, isso se acaba*”. (ROCHA, 2014). O medo de que a energia acabasse, fazia com que as pessoas tivessem o cuidado de usá-la apenas para o que considerava necessário.

Sentimento parecido podemos encontrar no relato de Sr. Antonio quando perguntado se a energia ficava ligada o dia todo: “*Não chegava o dia todo, ah! Nem pensar né que um dia nós ia ter essa facilidade esse conforto de ter energia elétrica e usar um rádio né.*”(ALVES, 2014) A energia elétrica era sentida pelos moradores da cidade como algo limitado e não possível para todos.

Esse medo também se revelava quando o motor de luz era apagado. Como já foi dito anteriormente, na década de quarenta a prefeitura municipal em conjunto com o comércio local criou a guarda municipal, a fim de fazer o policiamento noturno nas ruas, a partir da hora em que se desligava o motor. Os guardas faziam a ronda durante a madrugada a fim de coibir roubos e práticas não toleradas.

Entretanto, a cidade não se aquietava totalmente depois do desligamento do motor. No livro *Cinquenta anos de futebol e etc...* de autoria de Francisco Cláudio de Lima, um esperancense, podemos encontrar um pequeno relato das peripécias enfrentadas pelos que se atreviam a sair na escuridão:

Essa é do nosso amigo Martinho de Soares. Nos idos de 1940, quando os jovens que praticavam esporte (futebol) ainda não faziam Educação Física, apenas corriam nas ruas da cidade. Lá para as tantas acertou-se o início dessas correrias.(...) Martinho que não sabia que havia guardas noturnos nas ruas, ouvindo apitos pensou que eram seus companheiros de futebol, chamando os demais. Levantou-se e começou a correr de uma rua para outra, no escuro, a procura de quem estava apitando. Os guarda-noturnos, (...) pensaram que era um ladrão que estava tentando fugir, e haja apitos no meio do mundo. (...) Esbaforidos e com o medo estampado nos rostos, chamaram

o Sargento Melão, chefe da guarda noturna para entrega da presa. (LIMA, 1994, p. 60 – 61)

Esse medo do escuro, mesmo dos que eram responsáveis pela segurança da cidade, fazia com que a maior parte da cidade se recolhesse no horário de desligamento do motor. Entretanto, mesmo com o motor ligado, as ruas não servidas pela iluminação pública serviam de espaço para que rixas e desavenças fossem colocadas em evidência. No relato de Sr. Vicente a memória em relação a um crime praticado em meio à escuridão nos faz perceber como o medo em andar pelas ruas escuras se fazia presente na sensibilidade dos caminhantes da cidade. Ao ser perguntado se as pessoas se recolhiam com o desligamento do motor, Sr. Vicente diz:

Não, eu conto vários exemplos (...) aqui houve um crime de Souza, finado Souza estava jantando no hotel de Abraão pai de Dogi, quando Robertinho ficou em frente no escuro, esperando, vendo Souza jantar né, Souza no claro (...) então foi um dia de Sábado, foi olhe, um escândalo viu. (MELO, 2013)

Certeau diz que *“Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geograficamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”*. (1994, p. 2902). Apoiando-se nessa afirmação de Certeau, esses dois fragmentos de relatos nos permitem analisar como a cidade noturna ganhava novos usos. As ruas não servidas pela iluminação pública eram apropriadas de forma a ganhar novos personagens e também novas práticas que não condiziam com o que era proposto pela elite local.

A sensibilidade em relação a ter ou não a energia elétrica instalada em casa pode ser percebida no relato de Sr. Raimundo, quando diz que a energia elétrica estava presente somente em alguns locais. Ao ser perguntado se a energia elétrica era instalada em toda a cidade responde: *“Não, não era na cidade toda. Era numa parte da cidade né, muitos cantos no subúrbio não tinham não”*. (VITURINO, 2014)

Respondendo a mesma pergunta Sr. Vicente diz *“No centro, você sempre via uma claridézinha, no centro, mas passava pros bairro aí só via escuridão”*(MELO, 2013). Sr. Antônio também responde a pergunta com a seguinte afirmação *“É porque tinha aquele pessoal que não podia pagar né, certamente não existia aquela parte social né, de ser doada, colocar a energia naquele canto do pessoal mais pobre, mais carente”*. (ALVES, 2014) A energia elétrica não disponível para todos, era sentida por parte da população como algo que somente as pessoas mais abastadas poderiam ter.

Entretanto, alguns espaços que eram usados por parte expressiva da população recebiam a instalação da energia elétrica por parte do poder público local. Sr. Antonio nos traz um exemplo desse aspecto, ao ser perguntando sobre os locais públicos servidos pela iluminação noturna, responde *“Sim. Na Igreja tinha energia, e digamos, na igreja não era pago, na Igreja a energia era doada, eu acho que isso aí era o prefeito que dava cobertura a essa despesa.”* (ALVES, 2014) Ainda sobre esse aspecto Sr. Raimundo também nos fala *“Na festa da padroeira às vezes eles ajeitava lá, aí a luz ia até tarde, aí passava de onze horas”*. (VITURINO, 2014)

Interessante notarmos a relação entre os espaços de sociabilidade e as ocasiões solenes, e a presença da energia elétrica. Para a maior parte da população a energia elétrica não era possível. Entretanto, os espaços coletivos eram dotados com esse novo equipamento urbano. A população, mesmo de forma limitada, vivenciou no seu cotidiano, a experiência com áreas da cidade iluminada.

Dessa forma, a partir dessas sensibilidades, notamos o que Pesavento pontua a respeito dessas experiências *“Ora, as sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado”* (2005, n.p)

Esses relatos de memória também nos apresentam o que ainda não se tinha, mas que era desejado, esperado por esses indivíduos. A energia de Paulo Afonso era, para a época, era um acontecimento previsto para acontecer, mas que só se efetiva, em 1958. Entretanto, antes de sua inauguração, as aspirações por parte da população eram exteriorizadas na forma de uma espera. Sr. Raimundo ao falar da chegada da energia elétrica de Paulo Afonso, nos dá uma idéia dos sentimentos em torno dessa conquista *“Aí quando veio a luz de Paulo Afonso aí foi que estrondou, aí ficou direto mesmo pra tudo no mundo”*. (VITURINO, 2014)

Sr. Raimundo exterioriza nessa fala o sentimento compartilhado por muitos indivíduos da época, ter energia em tempo integral para outras atividades que poderiam ser praticadas

durante o dia. Um exemplo desse desejo podemos perceber na fala de Sr. Vicente Simão a respeito da final da copa de 1958. Quando a instalação da energia de Paulo Afonso ainda não estava concluída, algumas pessoas pediram ao prefeito da época, para ligar o motor de energia a fim de ouvir a partida entre Brasil e Suécia. O prefeito atendeu ao pedido, nas palavras de Sr. Vicente *“E então a luz foi ligada de onze horas da manhã até às dez horas da noite porque o Brasil foi campeão, ai não desligaram, ai continuou a festa.”*. (MELO, 2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A energia elétrica atualmente nos parece uma coisa comum, que podemos ter acesso a qualquer hora e praticamente em qualquer lugar. Entretanto, vez por outra nos deparamos com a falta dela, seja por razões técnicas ou por causas naturais, como o baixo nível das represas responsáveis por gerar energia elétrica. Diante disso, os relatos de memória dos esperancenses que tiveram contato com a energia elétrica fornecida pelo motor de luz nos possibilitou perceber como algo que estava presente, mas de forma limitada, proporcionou novas formas de sentir e ver a cidade.

Essa cidade do interior experimentou novos espaços a partir das práticas sociais dos seus habitantes, elaborando novos hábitos e formas de consumo. Mesmo dentro de uma limitação, podemos percorrer alguns caminhos que nos conduziram a aspectos que demonstraram como as pessoas viviam o seu cotidiano e tinham contato com esse símbolo do moderno. Ainda que não estivesse disponível para todos, os usos da energia elétrica produziram novas formas de ver, perceber o mundo, novas sensibilidades. Também proporcionou espaços de sociabilidades, novas formas de se divertir, de caminhar pelo espaço urbano. Para além da cidade concreta encontramos os desejos, as aspirações, por novas práticas e maneiras de se colocar no mundo.

Ao final dessa pesquisa, percebemos como a cidade proporciona experiências diversas dentro de sua espacialidade. Cidades concretas, mas que se dão a perceber também no modo como os seus habitantes consomem o seu espaço, sua materialidade para além do que é palpável. Dessa forma, a cidade se coloca para a história além do seu traçado e forma. A relação homem-cidade se evidenciou a partir do que percebemos nos relatos dos entrevistados. O horário do cinema, o ligar e desligar do motor, as ruas escuras, ficaram na memória dos seus habitantes como um tempo em que se tinha contato com algo novo, mas que também ainda guardava um ritmo ligado a um outro tempo.

As sensibilidades se traduziram a partir dos sentimentos em relação ao ligar e desligar do motor. O medo da energia acabar, o sufoco em andar no escuro foram aspectos que nos mostraram como as pessoas sentiam esse ritmo cotidiano. As sociabilidades sendo elaboradas a partir da inventividade dos esperancenses em ocupar espaços onde, a partir do uso da energia, se poderia desfrutar do rádio, da festa da padroeira e a energia ligada até mais tarde, são exemplos do limite entre a novidade e o corriqueiro. Para esse tempo e espaço uma maravilha com hora para começar e terminar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Gervacio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925)**. In: A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural – 2ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **Urbanidade, Modernidade e Cotidiano na Parahyba do início do século XX**. In: Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889 – 1930)/ Alômia Abrantes e Martinho Guedes dos Santos Neto (orgs). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações – 2 ed.** Portugal: Difel, 2002.

FERREIRA, Rau. **Silvino Olavo**. Campina Grande: Epgraf, 2010.

_____. **Capítulos da História Esperancense**. Esperança: Edições Banabuyê, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e memória coletiva**. In: A memória coletiva; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29 – 70.

IBGE:<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=250600&search=|esperanca>. Acessado em 01/12/2014.

LIMA, Francisco Cláudio. **Cinquenta anos de futebol e etc...(1933 – 1983)**. João Pessoa: Rivaisa, 1994. p. 60 – 61.

Livro do Município de Esperança (Coleção Livros dos Municípios – 006/171). João Pessoa: Unigraf.

MAIA, Doralice Sátyro. **Luzes, postes e trilhos: equipamentos modernos que transformam a morfologia e a vida cotidiana da Cidade da Parahyba (Brasil) nos primórdios do século XX.** 2012.

_____. **A modernidade chega às cidades bocas de sertão: ferrovia e energia elétrica nas cidades do interior do território brasileiro.** In: II Simpósio Internacional Eletrificação e Modernização Social: A expansão da energia elétrica para a periferia do capitalismo, USP, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** UFRGS, Junho, 2007.

_____. (2005) **Sensibilidades no tempo, tempo nas sensibilidades,** Nuevo Mundo Mundos Nuevos [online] consultado em 15 de Agosto de 2013. URL: <http://nuevomundo.revues.org/229>; DOI: 10.4000/nuevomundo.229.

RONCAYOLO, Marcel. **Transfigurações noturnas da cidade: o império das luzes artificiais.** Proj. História, São Paulo, Maio, 1999.

SANTOS, Luiz Carlos dos. GOMES, I. Q. **Sensibilidades Modernas: o advento de equipamentos modernos, espaços de rupturas e permanências.** In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, Julho, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio.** In: **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WANDERLEY, Helmara Giccelli Formiga. **O espetáculo da noite em Pombal: a luz dita moderna e as representações sobre a escuridão** In: Cidades e experiências modernas/ Antônio Clarindo Barbosa de Souza, Paula Rejane Fernandes – Campina Grande, EDUFCG, 2010. p. 19 – 55.

PERIÓDICOS

Jornal A União. 01, Jan, 1926, p. 2.

Jornal A União. 21, Fev, 1927, capa.

Jornal A União. 14, Mai, 1949, p. 3

Jornal A União. 16, Mai, 1949, p. 2/3.

LEGISLAÇÃO MUNICIPAL

Decreto nº 4 – 14, Set, 1942. In: Livro Registros e decretos executivos (1939 – 1942). p. 94.

REVISTAS

Era Nova. Parahyba do Norte, Anno 5 nº 82, 01, Jul, 1925.

FONTES ORAIS

ALVES, Antônio Barbosa. Entrevista concedida a autora. Esperança, 27. Maio, 2014.

MELO, Vicente Simão de. Entrevista concedida a autora. Esperança, 25. Outubro, 2013.

ROCHA, Augusta Cardoso Costa da. Entrevista concedida a autora, 25. Agosto, 2014.

VITURINO, Raimundo. Entrevista concedida a autora. Esperança, 20. Janeiro, 2014.

APÊNDICE – MODELO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ENTREVISTADOS

QUESTÕES

1. Presenciou a iluminação de Esperança feita com o motor de luz? O que se lembra desse período?
2. A energia ficava ligada o dia todo?
3. Que horas começava a funcionar e que hora desligava?
4. Existia movimento na cidade próximo da hora de desligar a energia?
5. Qual o uso da energia elétrica nas casas?
6. Toda a cidade era iluminada?
7. Que horas o cinema começava a funcionar à noite?
8. Quais os locais públicos que tinham iluminação?
9. As pessoas se recolhiam após o motor parar de funcionar?
10. Como se fazia para andar nas ruas escuras?